



VII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VII ETBCES

ANÁLISE DAS NARRATIVAS DOS ALUNOS E EX - ALUNOS DO COLÉGIO ESTADUAL HELENA MAGALHÃES COM OS PROJETOS TBC E BEIRU, “UM NOVO OLHAR”.

Jennifer Kessie Ramos Figueiredo
Graduanda em História pela UNEB
Jenniferramos45@yahoo.com.br

Veronica Nunes Gordiano
Pós Graduada em História e Cultura Afro Brasileira
vekanunes@hotmail.com

Ycaro de Souza Santana
Graduando em História pela UNEB
Ycaro.santana@outlook.com

Wesley Gonçalves Dias
Graduando em ADM pela UNIFACS
Wesleydiass94@outlook.com

RESUMO

Este artigo objetiva abordar experiências vivenciadas pelos alunos do Colégio Estadual Helena Magalhães (CEHMA) com as oficinas desenvolvidas pelos Grupos de Pesquisa e Extensão da UNEB: Turismo de Base Comunitária (TBC) e Conteúdos Digitais, no referido Colégio; projetos estes que articulam ensino, pesquisa e extensão nas Escolas do Antigo Quilombo do Cabula em parceria com a Comunidade Local que contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento do Projeto da Consciência Negra no Bairro Beiru/Tancredo Neves, nos anos de 2014 e 2015, tendo como tema: Beiru “Um novo Olhar”, que possibilitou ao educandos ultrapassar os “muros” da escola e dialogar com sua comunidade, através da pesquisa de campo e a reaprender sobre a História do Bairro, seu potencial cultural e turístico, ofertas variadas de serviços, bem como identificar os problemas de infraestrutura e falta de segurança pública. Propõe, também, uma reflexão da economia solidária, tendo como suporte a construção de diferenciados roteiros turísticos dentro da comunidade, desenvolvendo o sentimento de pertencimento, respeito e preservação da diversidade cultural e tendo como metodologia de investigação a pesquisa-ação, diálogos entre educando e educador, educando e comunidade, de forma dinâmico-participativa e colaborativa, impactando na formação do indivíduo, tornando-o crítico e participativo na vida comunitária.

Palavras-Chave: Narrativas discentes - Turismo de Base Comunitária- Beiru/Tancredo Neves

1 INTRODUÇÃO

A Educação Pública Brasileira da contemporaneidade está passando por uma série de entraves que ultrapassa os recursos financeiros, tais como a aplicação de políticas educacionais ineficazes, impactando diretamente na qualidade da educação no qual o Ensino



VII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VII ETBCES

Básico baiano esta inserido. Deste modo, é necessário alterar perspectivas de trabalho para que a escola possa despir-se de velhos conceitos, introduzindo novos, perpassando pela mudança de mentalidade de políticos, educadores, professores, gestores, alunos, pais e sociedade civil, na tentativa de (re)inventar novas metodologias de ensino que proporcionem uma educação contextualizada unida aos saberes comunitários, contribuindo, assim, para um ensino histórico-crítico não reprodutor de ideais burgueses.

Provavelmente, a inserção de políticas públicas educacionais e sociais que respeitem a realidade sociocultural dos alunos, através de materiais didáticos satisfatórios, incentivo à pesquisa, maior financiamento de projetos educacionais em parceria com a comunidade local, impactem na diminuição da evasão escolar, distorção idade-série, desestímulo pelos estudos, baixo rendimento, reprovação, violência no ambiente escolar, desmotivação docente, dentre outros. Esses fatores ocorrem devido à ineficácia da aplicação de políticas públicas educacionais e sociais que não proporcionam as condições necessárias para um ensino aprendido de qualidade, através de uma pedagogia emancipatória e libertária, como preconiza Freire (1996).

Infelizmente, o que se percebe no Brasil, neste contexto de pós-modernidade, é uma educação tecnicista, neotecnicista e tradicional, voltada à preparação de mão-de-obra para atender às demandas do mercado capitalista; uma escola como aparelho ideológico do Estado, como afirma Savianni: (...) Como aparelho ideológico de Estado, a escola é um instrumento da luta de classes ideológica do Estado burguês, onde o Estado burguês persegue objetivos *exteriores* à escola (ela não é senão um instrumento destinado a esses fins) (...) (2009, p.280):

Destarte, a escola atua como um mecanismo de controle público para que os indivíduos fiquem condicionados a estar “estáticos” na mesma posição social. Portanto, não desenvolvem criticidade, excluindo os sujeitos dos processos civilizatórios, da participação na vida comunitária e dos movimentos sociais. Com base nisso, Aníbal Ponce elenca que:

O conceito de educação histórica como resultado das lutas de classe nos mostrou, com efeito, que a educação é o processo mediante o qual as classes dominantes preparam na mentalidade e na conduta das crianças as condições fundamentais de sua própria existência. (PONCE, 2007, p. 171)

Contrapondo com esse modelo de ensino neoliberalista, o Colégio Estadual Helena Magalhães (CEHMA), situado no Bairro Beiru/Tancredo Neves (Antigo Quilombo do Cabula) vem promovendo, ao longo dos anos, projetos pedagógicos voltados para a valorização e autonomia dos seus estudantes, preparando-os para a vida em sociedade. Desta



VII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VII ETBCES

forma, o referido Colégio, no ano de 2014, fez parceria com a Universidade Estadual da Bahia (UNEB), através do Projeto: “Construindo Conhecimento” com as escolas: *Turismo de Base Comunitária (TBC Cabula) em Articulação com os Conteúdos Digitais*, financiados por meio do Edital POP Ciência da Fundação de Amparo à pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB) que promove ações nas escolas dos bairros do Cabula, tendo uma abordagem socioconstrutivista, participativa e colaborativa, baseada nos princípios da economia solidária e comércio justo (UNEB, 2015).

As oficinas realizadas no espaço físico do CEHMA foram: *Agenciamento e Guiamento, Hospedagem Comunitária, Roteirização, Gastronomia, Edição de Vídeo, Manutenção e Formatação de PC e Notebooks, Jornalismo, Fotografias, Grafite, Horta e Jardinagem*. Estas foram oferecidas para a comunidade escolar e moradores do Bairro e divulgadas nas reuniões com gestores, professores e funcionários, reunião de pais, nas Atividades de Classes (ACs), em sala de aula, rodas de conversas com lideranças comunitárias e moradores, bem como através da divulgação em redes sociais.

Essas oficinas despertaram nos estudantes a curiosidade em pesquisar, explorar os potenciais do seu Bairro, como sua história, esporte, cultura e lazer, gastronomia, e serviços, visando à melhoria da qualidade de vida de seus moradores, contribuindo, assim, para o desenvolvimento sustentável. Dessa forma, contribuíram com o Projeto da Consciência Negra, realizado há 12 anos no CEHMA, que vai além de mera apresentação em comemoração ao dia da Consciência Negra, em 20 de novembro como homenagem ao líder negro Zumbi dos Palmares. Um dos objetivos do Projeto refere-se ao fortalecimento da História e Cultura Afrobrasileira, minimamente abordada nos livros didáticos, tendo como tema no ano de 2014: Beiru, “Um Novo Olhar”.

2 O TBC COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

O projeto Turismo de Base Comunitária (TBC), essencialmente, evidencia a participação da UNEB no desenvolvimento social comunitário, criando junto com o Projeto um legado no sentido de inserir as pessoas e seus trabalhos na comunidade, envolvendo o



VII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VII ETBCES

passeio turístico receptivo por diversos setores que são oferecidos em forma de aproveitamento social no intuito de gerar renda na qual a própria comunidade é a ofertadora e a receptora dos serviços, como: a culinária local, rodas de capoeira terreiros de candomblé, diálogos com moradores antigos, líderes comunitários e religiosos enquanto atrativo turístico e expressão da arte e história afrobrasileira, dentre outros.

A esse respeito, o Ministério do Turismo do Brasil define Turismo de Base Comunitária como:

Uma maneira diferente de se fazer turismo, sendo esta atividade um modelo de desenvolvimento local, orientado pelos princípios da economia solidária, associativismo, valorização da cultura local, principalmente, protagonizado pelas comunidades locais, visando à apropriação por parte dessas dos benefícios advindos da atividade turística. (SÁ e SILVA, 2012, p. 09)

E, de acordo com a Cartilha do TBC, o modelo turístico voltado à base comunitária constitui-se no método alternativo de se fazer turismo, pautado no desenvolvimento local que visa valorizar a comunidade, destacando os seus potenciais histórico- socioculturais. Essa percepção se contrapõe com o arquétipo turístico mercadológico que beneficia grandes empresários ligados às agências de turismo, redes hoteleiras, campanhas áreas que analisa o turismo como um comércio lucrativo, não se preocupando com a valorização dos saberes construídos e produzidos socialmente com os arranjos comunitários.

O referido modelo não promove vantagem alguma para a população, pois tudo o que é extraído não retorna para os mesmos; pelo contrário, é direcionado para as classes dominantes. Mediante isto, o TBC possui como um dos seus objetivos a exploração da proposta das produções dentro da comunidade, proporcionando desenvolvimento local de forma a aproveitar o que a comunidade possui enquanto atrativos (VILLAS BOAS e SILVA, 2013).

Para cumprir com o proposto, em busca de atender a população mais necessitada, não cabe apenas ao Estado oferecer auxílio assistencialista, a exemplo do Programa Bolsa Família, dentre outros, para a melhoria na renda do indivíduo na sociedade, mas sim investir em políticas públicas voltadas para o fortalecimento de projetos sociais desenvolvidos nas universidades, escolas e comunidade.

Corroborando com essa ideia, os produtores culturais do Bairro Beiru/Tancredo Neves que desenvolvem atividades culturais, através da dança, do teatro, roda de capoeira com crianças e jovens, reclamam do descaso dos governantes com os projetos desenvolvidos,



VII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VII ETBCES

afirmando que não recebem nenhum apoio financeiro, gerando impactos na continuação desses projetos.

O governo não tá nem aí pra gente, que desenvolve voluntariamente trabalho social dentro da comunidade, através da dança, do teatro... só lembram da gente no dia da Consciência Negra, datas cívicas ou quando alguma autoridade visita o bairro, aí a gente é convidado...mas eu amo o que faço, se eu conseguir tirar somente um jovem da marginalidade, já me dou como satisfeito, cumprir meu papel social. (Raimundo)

As políticas assistencialistas devem buscar alternativas que transpassem o valor em dinheiro, principalmente por ser abaixo do esperado, para proporcionar melhorias na condição de vida dos cidadãos no convívio em sociedade, possibilitando, como exemplo, o acesso aos direitos que a Constituição Federal de 1988 prevê no Art. 6º:

São direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (Redação dada pela Emenda Constitucional nº 90, de 2015)

Em suma, o TBC é uma forma de complementação de renda que promove a oferta de outros tipos de ganhos, como: preservação da história e da cultura local, autoestima da comunidade, integração social entre os moradores e conscientização política. (VILAS BÔAS e SILVA, p. 97)

3 A ECONOMIA SOLIDÁRIA APLICADA AO TBC

As normas que regem o mercado (baseado no modelo capitalista) preveem, a partir de preceitos neoliberais, a economia esquematizada para formação de oligopólios e manutenção do poder das empresas de ordem privada. Essa maneira empreendedorista apenas privilegia setores elitistas do contexto social, em detrimento das camadas mais pobres.

Todo esse sistema desigual é legitimado por associações de caráter corporativista nas quais, através da utilização de ferramentas para sublevação do aparelho estatal, corrompem os ideais que estabelecem uma política de assistência social que, por meio de instituições dentro do Estado, buscam amenizar a destoaância social dentro desse modelo de gestão.

Na prática, avaliando o sistema brasileiro, especificamente das famílias de classe E, não é novidade que a população comunitária busque alternativas diversas de produzir rendas que em suma auxiliem na manutenção de seus membros, através de uma gama de serviços os



VII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VII ETBCES

quais a própria biocenose dispõe, enlaçado, muitas vezes, com empreendimentos de grande porte que se firmem na comunidade.

Quando tratamos de economia, memoramos uma perspectiva individualista na qual os sujeitos lutam uns contra outros em disputa no mercado para acumulação de capital. A perspectiva da Economia Solidária apresenta um contraponto retirando totalmente as condições exploratórias implícitas no sistema baseado no capitalismo, ofertando uma nova maneira de se perceber as relações econômicas no âmbito da sociedade.

Para tal, é previsto que o indivíduo atue em conjunto com o seu próximo num ideal de coletividade que privilegie a inclusão social nesse contexto tão excludente. Essa proposta surge a partir da perspectiva de não se visualizar esse projeto econômico de forma simples, todavia em uma escala mais abrangente na qual se possibilite a contemplação e interação de outras esferas de movimentos sociais, adequando-se mais força para a luta de uma ação popular (MITTMANN; MORAES; BACIN; SANGUINET; LORENZONI e DÖRR, 2013).

Nesta perspectiva, o TBC dentro da comunidade ajuda a moldar os meandros para a constituição da economia solidária. Isso se deve pelo caráter coletivista e conscientizador da organização comunitária que permite a interação da comunidade para lograr êxito no empreendimento.

4 BEIRU: “UM NOVO OLHAR” E SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DISCENTE

O Bairro Beiru/Tancredo Neves está situado numa região periférica da cidade de Salvador onde, no século XVIII, fez parte do Quilombo do Cabula, destruído pelo Governador Conde da Ponte (MARTINS, 2017). O seu nome Beiru ou GBeirú (Iorubá) foi homenagem ao negro africano escravizado que ganhou a sua liberdade e herdou as terras do seu dono (MUNDO NEGRO, 2007) que, segundo um antigo morador, que não permitiu que seu nome fosse revelado, “foi mudado por um vereador do bairro, para homenagear o presidente Tancredo Neves, mas eu continuo chamando Beiru, pois quando aqui cheguei por volta dos anos 70, só se ouvia falar sobre esse negro que lutou pela liberdade de seus irmãos”. Em seguida o mesmo morador afirma que acompanhou todo o “progresso”. “Eu trabalhei como pedreiro na terra plangem do condomínio Arvoredo (...) foi oito meses de terra plangem”.



VII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VII ETBCES

Infelizmente, a cultura eurocêntrica busca variadas formas de apagar a História dos negros que resistiram e ainda resistem ao sistema opressor. Portanto é papel da escola promover projetos relacionados à História e Cultura dos afrodescendentes, devendo atuar como mecanismo investigatório para, assim, incentivar seus discentes a buscar a origem de suas histórias, além de reafirmar suas tradições, dando tom e voz as narrativas dos antigos moradores do bairro.

Desta forma, incentivados pelas oficinas do TBC e pelo Projeto Consciência Negra, surge entre os estudantes do Colégio Estadual Helena Magalhães o anseio de descobrir mais sobre a história do seu local de vivência. Através de diversos diálogos sobre a temática nas aulas de História, nos anos de 2014 e 2015, é executado o projeto Beiru: “Um Novo Olhar”, que foi desenvolvido por estudantes do 3ºano do Ensino Médio (2014) e 8ª Séries do Ensino Fundamental II (2015). Os eixos temáticos da pesquisa foram: *História do Bairro, Cultura, Esporte Lazer, Gastronomia e Políticas Públicas*.

É importante salientar que o processo de aprendizado dos educandos aconteceu através do diálogo com a comunidade, contribuindo para produção de vídeos, história em quadrinhos sobre o negro Beiru - elaborada pelo aluno Lucas (8ª Série, turma A) - servindo enquanto materiais pedagógicos apresentados pelos próprios alunos à comunidade escolar, bem como a pesquisadores do Mestrado em Educação da UNEB no Dia da Consciência Negra.

Os sujeitos destaque desta obra são os alunos, ex-alunos do CEHMA com suas narrativas sobre os pontos mais marcantes do seu percurso durante as entrevistas, juntamente com os antigos moradores da Comunidade e suas novas perspectivas e descobertas sobre a fonte cultural que é o bairro Beiru. Muitos relatos discentes revelam a falta de conhecimento acerca da História do Bairro, o que resulta na necessidade de se reforçar uma educação mais direcionada à realidade destes.

Ao participar do “Turistando pelo Beiru”, a aluna Gabriela (8ª Série, Turma B, 15 anos) afirma que:

Eu não sabia que o Tancredo Neves, digo Beiru, é muito legal, nem precisa sair do bairro para comprar nada, aqui tem tudo, só falta um Banco, e que no Largo da Junqueira que a gente chama de Largo do Anjo Mal tem um Terreiro de Candomblé chamado de São Roque, além de brincar no parquinho e comer de graça na lanchonete do Forte, a melhor parte foi ouvi da Mãe de Santo a história do Terreiro, e a preservação da religiosidade africana (...). Você sabia professora que a neta dela vai ser sua sucessora?!



VII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VII ETBCES

Segundo o Senhor Burere Brow (2015), conhecido também como o Zorro do Sertão, as terras onde atualmente estão localizadas a Delegacia, o Posto Médico e a praça, denominadas pelos moradores de Parquinho, pertenciam à família da sua esposa, e antes se constituíam em um Terreiro de Candomblé, o Terreiro de Manoel Rufino.

O terreiro de Rufino tinha licença para funcionar, aí a polícia não podia invadir, inclusive iam pra lá comer nas festas (...) era o mais famoso da Bahia (...) vinha gente de todos os cantos da cidade, de Itapoã ao Ogunja (...) Mãe Menininha do Gantois bebia saberes no Candomblé de Manoel Rufino. (Burere Brow, morador do Beiru)

A falta de infraestrutura, espaço de lazer e cultural também foram identificados pelos alunos, concluindo-se, assim, que os governantes baianos não investem em melhorias para o Bairro.

Precisamos de um Espaço Cultural para desenvolvermos nossas atividades. As escolas locais oferecem seus espaços, mas como são muitos grupos, as vezes não podemos praticar a capoeira todos os dias. O Colégio Helena oferece a quadra, jogamos capoeira a noite, mas a quadra não tem uma boa iluminação. (Depoimento de um dos mestres de capoeira do grupo UNICAR)

E, quanto à infraestrutura do Bairro, as alunas relataram o seguinte:

No Colégio eu não tenho problema de locomoção, tem a rampa e os banheiros são adaptados para deficientes, mas infelizmente no bairro eu não me sinto segura, as calçadas são esburacadas, cheias de lixos, pedras soltas (...) pior é quando chove, os esgotos tomam contas das ruas (...).tenho medo de andar de muletas sozinha, por isso que meu pai sempre me leva para a escola (...) nem todos os ônibus são adaptados para quem tem deficiência física. (Bárbara (18 anos, deficiente física)

A participação no projeto despertou-me para histórias antes desconhecidas sobre o local que vivo, além disso, percebi a falta de infraestrutura que o bairro oferece aos moradores, um posto que durante o período da elaboração do vídeo não contava com um espaço adequado para pôr o lixo hospitalar. (Jennifer Ramos, 20 anos)

Através das narrativas dos moradores, percebemos que estes apontam os mesmos problemas: falta de infraestrutura, saneamento básico, iluminação inadequada, falta de segurança pública. A respeito desse último item, o Sargento da Polícia Militar da Bahia aposentado, o senhor Absolon, sugere que se crie no Bairro uma Polícia Comunitária para ajudar nos conflitos entre vizinhos, palestras nas escolas sobre drogas e proporcione segurança aos moradores, contribuindo assim para o desenvolvimento social sustentável.



VII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VII ETBCES

Embora os alunos, através de rodas de conversas durante a realização das pesquisas, salientassem os problemas existentes no Bairro, percebeu-se que, por meio do Projeto, estes se identificaram enquanto pertencentes à Comunidade, ou seja, não se consideraram apenas moradores, mas sujeitos históricos, compreendendo que seus ancestrais contribuíram para a formação de um Quilombo e, posteriormente, para o surgimento de fazendas e chácaras.

No que se refere às narrativas dos alunos e sujeitos partícipes da comunidade, muitos relatos revelam uma questão ímpar sobre o Bairro que alude a falta de incentivo ao estudo da história, fugindo da prerrogativa do educador Paulo Freire (1996) ao afirmar que a educação deve estar vinculada às vivências dos discentes.

Deste modo, algumas narrativas revelam o desconhecimento sobre o local onde residem, como por exemplo, o caso de uma aluna que declarou: “Fiquei surpresa ao perceber que havia muitas curiosidades na comunidade que antes não as conhecia, como por exemplo, a História do nome do Bairro” (Tábita, 16 anos).

Assim como Tábita, vários outros alunos afirmaram desconhecer a história do seu Bairro e os serviços ofertados por organizações não governamentais, pois apenas identificavam os serviços ofertados pelo CEIFAR. A mesma aluna afirmou que, após o “Turistando pelo Beiru” (roteiro turístico produzido na oficina de Roteirização), e a participação do Projeto Beiru: “Um Novo Olhar”, mudou a sua percepção sobre o Bairro: “não o vejo mais como improdutivo e que só tem violência, é rico em cultura, possui serviços voltados para a comunidade”.

Sobre as organizações governamentais e não governamentais existentes na localidade, a aluna do 3º. ano do Ensino Médio, Jeniffer, percebeu que estas são importantes para a Comunidade, como o CEIFAR (ONG) e o CRAS:

O CEIFAR e o CRAS visam atender as demandas da população, o primeiro servindo como espaço para que as crianças possam ter acesso à educação enquanto seus pais precisam trabalhar, e o segundo como local para resolução de questões jurídicas para os que não podem pagar (Jennifer Ramos, 20)

A visão estereotipada de que o Beiru/Tancredo Neves é um espaço violento, é constantemente reforçado pela mídia, colaborando para o temor da população acerca do Bairro que adentra os muros das escolas as quais deveriam, na verdade, ter como uma das suas funções básicas promover projetos para o fortalecimento dos processos identitários e combate à discriminação social.



VII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VII ETBCES

Como se pode observar nos depoimentos a seguir, os Projetos citados tiveram grande relevância na vida dos alunos, experiências que, certamente, levarão para sua vida em comunidade.

Como já diz o próprio tema, Beiru, um novo olhar. Muitas vezes focamos nas coisas ruins, em tudo o que vem acontecendo ao nosso redor, esquecemos de ver as coisas boas que está em nossa frente. E esse projeto serviu bastante pra nos fazer enxergar que coisas ruins existem sim, coisas que precisam ser mudadas. Mas também existem coisas boas no nosso bairro. Amo o lugar onde moro, eu amo o Beiru.” (Jeniffer Silva, 17 anos)

Os projetos ofertados pelo TBC foi um importante passo na minha vida como discente e voluntário, abriu um gama de possibilidades que hoje fazem parte da minha vida como membro do ensino superior (...) Minha visão estava atrelada a violência, um bairro esquecido pelo governo e de possibilidades de crescimento fechadas (...) com os projetos aprendi que o nosso bairro tem muitas características culturais, com uma gama de artistas de todas as áreas, vasto comércio. E que não muito diferente dos outros bairros da capital passa por dificuldade de mobilidade urbana. (Wesley Goncalves, 22 anos)

O projeto mudou a minha percepção acerca do bairro, antes visto de forma simples e sem conteúdo. Estar no bairro não era uma programação, pois apenas ali considerava uma moradia, e não um lar. Não havia identificação com o lugar, pois não conhecia a sua história e as diversas formas de interação possíveis naquele espaço ainda não extraídas ou pouco divulgadas. Ao adentrar no projeto, criei uma nova forma de enxergar aquela paisagem, já que, conhecendo a história local e as organizações dela, pude contemplar o grande conteúdo que lá havia. (Ycaro Santana, 20)

Os relatos dos alunos e ex-alunos, através de rodas de conversas, em 11 de setembro de 2017, no refeitório do Colégio Estadual Helena Magalhães, contribuíram de forma positiva para percebermos a importância da aplicação de projetos voltados para a História do Bairro, propiciando ao aluno novas alternativas de aprender a aprender através da pesquisa (FREIRE, 1996), saindo do modelo tradicional de ensino-aprendizagem que, na maioria das vezes, resume-se a sala de aula, com conteúdos distanciados da realidade dos alunos, provocando o desestímulo destes aos estudos.

Conhecendo nossa história, compreendendo nossos valores e exaltando nossa cultura, não seremos manipulados e dominados, sendo vítimas de mais uma das formas de opressão desse sistema desigual. Além disso, vi o que é “bom” não é produzido artificialmente, muito menos padronizado, mas aquilo que é transmitido por herança, principalmente se essa herança tiver o histórico de muita resistência e luta: pela liberdade, pelo fim do preconceito racial e religioso, e por uma sociedade mais justa, onde ninguém seja explorado e inferiorizado por cor, classe, gênero. (Ycaro Santana, 20 anos)



VII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VII ETBCES

Nesse sentido, entende-se que é necessário inserir no Projeto Político Pedagógico (PPP) da referida Escola propostas relacionadas à realidade do aluno que sejam, realmente, executadas e acolhidas pela comunidade escolar.



5 CONCLUSÃO

Sob a perspectiva cultural, os projetos do TBC e Beiru, “Um novo olhar” entrelaçam-se, oportunizando novas interpretações acerca do Bairro, rico em peculiaridades, tornando-o um local digno de ter sua história contada. Concomitantemente a isso, tem-se a descoberta, no decorrer das entrevistas e oficinas, de fatos que eram desconhecidos por muitos discentes.

As oficinas e entrevistas com os moradores propiciaram aos participantes a oportunidade de aprender mais sobre o local onde vivem, partilhando saberes e alterando a visão estereotipada de muitos alunos sobre o Bairro antes da aplicação dos projetos que o concebia apenas como um ambiente violento apresentado pela mídia que exhibe uma realidade banalizada. Tal processo demonstra um abuso das mídias na medida em que divulgam atos de violência para alavancar audiência, excluindo ou minimizando as riquezas culturais presentes no Beiru.

No referido Bairro, projetos que objetivam contribuir para o bem da comunidade sempre foram debatidos, porém não “abraçados” por esta. Isso se deve ao fato de não haver um estímulo necessário para que o trabalho pudesse avançar. Um exemplo diz respeito ao Projeto “Moinho Solidário”, uma instituição qualificada como OSCIP - Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - que realiza ações relativas à educação destinada às crianças, jovens e adultos, através de capacitação técnica-profissionalizante, originada de famílias carentes das comunidades do Estado da Bahia.

Contudo, como outros projetos no Bairro, a Organização não perdurou, sendo que um dos motivos disto foi o não acolhimento em massa de sua população. Este fato evidencia a importância da realização de trabalhos que visem destacar o quão benéfico é um projeto que pretende o bem da comunidade, pois esta é a principal missão do TBC.

Conectando a ideia à economia solidária foi possível apontar os principais locais de empreendimento que visam atender à Comunidade, através de serviços acessíveis para a população. Todavia as adversidades criam barreiras para a conclusão dessa organização: a falta de uma estrutura adequada, além de locais de difícil acesso que prejudicam a concretização do Projeto, pois afasta os moradores da localidade na medida em que se deslocam para outras regiões.



VII Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VII ETBCES

O Projeto Beiru: “Um Novo Olhar” e as oficinas do TBC promoveram a preservação das memórias referentes à origem do Bairro e as suas manifestações culturais, abrangendo a parte religiosa, econômica e gastronômica, corroborando com uma oferta de diversos serviços que movimentam a renda local da Comunidade, atrelando à política da economia solidária. A sua característica cooperativista compartilhada com o TBC permeia a identificação de associação da comunidade em prol dela mesma, trazendo benefícios ao executar a proposta na localidade.

Assim, as oficinas oferecidas pelo TBC Cabula e Conteúdos digitais, não simplificada apenas ao turismo no Bairro, obteve êxito em sua proposta “Construindo Saberes com as Escolas”, ao propiciar ao aluno novas descobertas sobre a sua história que se entrelaça com a do Bairro, contribuindo, desta forma, para a dissiminação do saber e identificação dos moradores com sua história.



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ana; JUNIOR, Luciano; SÁ, Natália; XAVIER, Naiara. Práticas Culturais e protagonismo comunitário: possibilidades de convergência entre o candomblé, a capoeira e o turismo de base comunitária. In: SILVA, Paula. (org.). **Turismo de base comunitária e cooperativismo: articulando pesquisa e ensino no Cabula e entorno**. Salvador: EDUNEB, 2013.

BÔAS, Caio; SILVA, Francisca. Metodologia participativa aplicada ao turismo de base comunitária: Uma análise do processo de inventariação da oferta e da demanda turística do Cabula e entorno. Salvador-Bahia, Brasil. In: SILVA, Paula. (org.). **Turismo de base comunitária e cooperativismo: articulando pesquisa e ensino no Cabula e entorno**. Salvador: EDUNEB, 2013.

CAMPOS, Maria; MENEZES, Ana. Políticas Públicas e desenvolvimento local. In: SILVA, Paula. (org.). **Turismo de base comunitária e cooperativismo: articulando pesquisa e ensino no Cabula e entorno**. Salvador: EDUNEB, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e terra, 1996.

MARTINS, Luciana. **História Pública do Quilombo do Cabula: Representações de resistência em museu virtual 3D aplicada à mobilização do turismo de base comunitária**. 2017. 311f. Tese (Doutorado) – Difusão do conhecimento. Universidade Federal da Bahia (FACED), Salvador, 2017.

MUNDO NEGRO, Associação Comunitária. **Beiru**. Salvador: Edição Educativa n.1, 2007.

ROCHA, JOSÉ. Associativismo, cooperativismo e economia solidária: estratégias criativas para um desenvolvimento humano, econômico e social sustentável. In: SILVA, Paula. (org.). **Turismo de base comunitária e cooperativismo: articulando pesquisa e ensino no Cabula e entorno**. Salvador: EDUNEB, 2013.

SILVA, Francisca de Paula da, et al. **Cartilha (in) formativa sobre Turismo de Base Comunitária “O ABC do TBC”**. Salvador: EDUNEB, 2012.

MOINHO SOLIDÁRIO: O Projeto. ADESC, Salvador, setembro de 2014. Disponível em: <<http://moinhosolidario2.blogspot.com.br/?m=1>> Acesso em 15 set. 2017.